

NOTA DO EDITOR

Embora acreditemos que um nível satisfatório de qualidade de nossa revista, *Cadernos de Estudos Sociais*, se mantenha neste quarto número da publicação, nosso maior motivo de regozijo é a verificação de que estamos conseguindo cumprir com a promessa de regularidade do periódico. Quem publica seriosos científicos sabe como é difícil honrar compromissos como o da regularidade. Por trás do esforço de não falhar nesse aspecto reside a questão básica da viabilidade financeira do empreendimento. Até agora, a revista do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco tem saído graças a recursos próprios amealhados em meio às maiores incertezas. Não formamos ainda um corpo de assinantes em número significativo — até porque não tomamos nenhuma iniciativa nesse sentido (à falta dos meios) — e não recebemos ajuda de qualquer fonte. A despeito disso, é possível oferecer agora ao leitor o volume 2, número 2 da publicação, feito que muito nos gratifica.

Neste período de quase dois anos em que *Cadernos de Estudos Sociais* tem saído, a reação da comunidade científica ao nosso trabalho tem sido das mais acolhedoras. Não nos têm faltado palavras de incentivo. E, mais importante, já é significativo o volume de material para publicação que tem sido submetido ao comitê editorial da revista, tanto por parte de autores brasileiros como de estrangeiros. Infelizmente, nosso sistema de distribuição ainda é muito precário. Gostaríamos de fazer com que o periódico atingisse um público maior. Entretanto, como a equipe que cuida da revista efetua também muitas outras atividades, não se conseguiu até hoje montar um esquema adequado de disseminação da publicação.

Ao comunicar ao leitor as coisas que acima relatei, quis mostrar com franqueza como não é simples ter uma revista, mesmo de menor porte como *Cadernos de Estudos Sociais*. Nem por isso nos anima qualquer espírito derrotista. Sabemos que a tarefa é árdua, que se trata de um desafio. Mas queremos enfrentá-lo. Afinal, é preciso descobrir um meio de romper com o centralismo que predomina nos meios científicos do País, como 62 por cento dos pesquisadores, 65 por cento das instituições de ensino e pesquisa, 74 por cento dos programas de pós-graduação, 92 por cento dos de doutorado, 70 por cento das bolsas e auxílios para pesquisas do CNPq concentrados na região Sudeste (leia-se S. Paulo, Rio, Brasília, Minas). Diante de um quadro como esse, que se observa também na área de ciências sociais, muitas vezes cabe perguntar se o panorama seria

diferente se o Brasil fosse formado de uma série de países menores, de Uruguais ou Perus. O fato é que trabalhar na periferia do Brasil representa um ônus adicional. Como não nos incluímos no rol dos que ficam na choradeira dos pedidos de ajuda, partimos para iniciativas concretas. *Cadernos de Estudos Sociais* é uma delas.

Clóvis Cavalcanti